FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL SEGUNDA 15 de Junho 2020 - 21H00

MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO (Nº 27) - (entrada livre)

Filme: A Rapariga das Violetas
Título original: La Violetera
Realização: Luis César Amadori (Espanha1958)

A "MINHA" ESPANHA

Comecei a andar por Espanha muito miúdo. Como entre os sete e os quinze anos vivi em Portalegre e os meus pais eram muito dados a visitar Espanha, lá ia comer caramelos (ou "balas") a Badajoz ou às tapas e ao "solomillo de ternera" a Sevilha. Antes ainda de ter ido para Portalegre, já tinha viajado até Madrid e, apesar de eu não me lembrar de nada disso, contavam os meus pais uns episódios curiosos. Num deles, teria eu dois ou três anos, os meus pais estavam num café na Calle Mayor e, de repente, tinham-me perdido de vista. Foram encontrar-me sentado numa das montras do estabelecimento, a sistematicamente descascar e morder bonequinhos de chocolate. Quiseram reparar os prejuízos da pastelaria, mas o dono achou muita graça ao miúdo e mandou-o em paz.

Outra história que eles recordavam com bonomia diz respeito à mesma viagem. Numa tarde, o meu pai pergunta-me: "E agora vamos a um museu ou ao teatro?", ao que eu prontamente respondi "Vamos ao teatro ver as actrizes". Enfim, precocidades no gosto pelo espectáculo. Só isso.

Espectáculo que me levou igualmente à praça de touros de Madrid, para assistir a uma tourada com touros de morte. Quando o primeiro animal é abatido, fartei-me chorar e protestar e só me calei quando o meu pai me "explicou" que tudo era "uma encenação", o touro sai como morto, mas voltava logo a seguir. Terei "engolido" a explicação, até ao momento em que, em vez de um touro preto que saiu, entrou um castanho…Foi uma experiência traumatizante.

Já adulto, continuei a frequentar Espanha com regularidade, mas, a partir da época em que principiei a escrever sobre cinema, comecei a ser convidado para cobrir certos certames e a participar em júris internacionais. Creio que o início terá sido o Certamen Internacional de Cine de Humor Ciudad de La Coruña, na Galiza, onde tive como companheiro,

entre outros, um argumentista de Berlanga. Depois, sobretudo após a minha estreia como realizador, com "Manhã Submersa", comecei a ser muito aliciado para festivais de cinema e outras manifestações cinematográficas no país vizinho: Valladolid, Madrid, Valência, Málaga, Barcelona, Badajoz, Ourense, Carballiño, Cádis… Nalgumas destas cidades surgiram curiosas ocorrências.

Em Valladolid, onde estive primeiro como concorrente, depois como júri (experiência de que já falei a propósito de Jean-Pierre Léaud), aconteceu algo que merece ser recordado. No dia em que o festival terminava, à hora de almoço, o director do festival veio ter comigo à minha mesa, avisar-me amigavelmente para estar preparado para nessa noite receber o grande prémio. "O júri está muito inclinado para o teu filme", disse. Ao que eu lhe respondi: ainda faltam dois filmes serem exibidos a concurso, "O Cavalo do Orgulho", de Chabrol, às 3 da tarde, e "Eraserhead" (em Portugal, "No Céu Tudo é Perfeito"), de David Lynch, às 6. Só à noite seria a cerimónia da atribuição dos prémios. Durante a tarde assisti às duas projecções e tive logo a sensação de ter ficado em segundo lugar. Ganhou David Lynch, e eu voltei para Lisboa com uma menção honrosa. Enfim, nada mau.

Outra menção tive-a em Valência, na Mostra de Cinema del Mediterrani. Num dia que não esquecerei: de manhã cedo levantei-me (a projecção seria às onze da manhã) e desmaiei, cai rotundo no chão do quarto de hotel, atrás da porta da casa de banho, que ninguém conseguia abrir, dado o peso e pressão que eu causava. Sentira uma dor fortíssima no peito, de tal forma intensa que perdera os sentidos. Veio o pessoal do hotel, eu acabei por recompor-me, levantei-me e quando regressei ao quarto, perante a agitação geral, perguntei ingenuamente o que tinha acontecido. O médico achou que teria sido uma dor provocada por reumático ou algo semelhante e às onze horas estava a apresentar o filme na sala de cinema local.

Em Agosto de 2014, a convite do meu amigo Anxo Santomil, director da Cinemateca da Galiza, e um dos responsáveis pelo Cineclube de Carballiño, abri a sessão de comemoração (julgo que) do seu 40º aniversário. "Manhã Submersa" tinha sido o filme que, na década de 80 do século passado, tinha inaugurado as actividades deste cineclube.

Outra experiência muito interessante prende-se com a sempre luxuriante e exaltante cidade de Barcelona, onde fui várias vezes, umas a convite da Filmoteca, e do amigo Ramon Fons, uma vez para apresentar o meu filme, outra para comentar uma Semana de Cinema Português, por ocasião da qual foi editado um pequeno opúsculo de minha autoria sobre o evento. Barcelona não é só Gaudy, mas este marca, e de que maneira, a cidade. As ramblas, o Liceu Opera, o porto, os bairros castiços, o El Molino são recordações inesquecíveis.

Finalmente só mais uma recordação de festivais: na Galiza, Ourense para ser mais preciso, fui companheiro de um júri magnifico, onde encontrei a belíssima e talentosa actriz Uxia Blanco, protagonista da primeira longa-metragem galega, "Siempre Xonxa", de Chano Piñeiro. Foi o início de uma bela amizade, depois continuada nalguns festivais em Portugal. Quase ia dando aso a um filme luso-galaico. Pena ter ficado pelo projecto.

Gostar de Espanha é relativamente fácil, apesar dos contrastes, ou talvez por causa deles. Espanha é a terra das corridas de touros de morte e da barbárie durante a Guerra Civil. É terra de violência e ternura, de radicalismos fáceis, de galvanizações emotivas. É a terra de Picasso e Goya, de Velasquez e El Greco, de Cervantes e Lorca, de Buñuel e Almodôvar e de tantos e tantos tão notáveis artistas, escritores, cineastas, cientistas e por aí fora. Terra de grande criatividade e impulsividade, basta ver e ouvir uma sessão de flamengo para se ter a noção do vigor e da beleza que nela explode.

A RAPARIGA DAS VIOLETAS (1958)

Sarita Montiel me mata!

Porque será que gosto tanto de um filme como "La Violetera"? Não me canso de me interrogar, mas também não me canso de o ver (e sobretudo de o ouvir). Não será certamente pelo melodrama da rapariga que vende violetas à porta do teatro Apolo em Madrid e que uma noite se cruza com o aristocrata D. Fernando, a quem, sem querer, atira com um raminho de violetas para a cara, iniciando ali uma história de amor que faz chorar as pedras da calcada.

Quando o filme se terá estreado em Portugal, a crítica e a intelectualidade bem-pensante não o terá visto com bons olhos, tanto mais que vinha de um país acorrentado por uma ditadura. Não era um filme de resistência, logo não seria de apoiar. Acontece que, por essa altura, era eu um jovem de quinze/dezasseis anos e lembro-me de ter escrito algures que Sarita Montiel era magnífica. Muitos anos depois, e após

visão aturada do mesmo filme e da mesma Sarita Montiel, continuo irresistivelmente conquistado pelo melodrama da pobrezinha e do aristocrata que os preconceitos de classe afastam, até o amor falar mais alto. Eu sei que é melodrama popular, mas que querem?, continua a tocar-me, sobretudo quando Sarita Montiel abre a boca para cantar, o que, felizmente neste caso, o faz amiudadas vezes.

O filme denuncia logo desde o genérico ao que vem. Letras garridas, florinhas e uma imagem de kitsch perfeito. É obviamente um filme popular, para agradar a todos os públicos, menos aos snobs do costume, que não podem gostar do que todos gostam. "Que horror! Misturar-me com a maralha". Neste caso prefiro misturar-me com a maralha e sofrer com a desdita dessa belíssima Soledad Moreno que passa das "calles" de Madrid para os grandes teatros do mundo, para regressar depois ao "Sallon Bolero" por onde havia começado a vertiginosa carreira, cantando esse fabuloso "Polichinela".

Devo dizer, em abono da verdade, que Raf Valone não vai nada mal na figura do galã com os seus belos olhos azuis (magnifica troca de olhares entre ele e Sarita Montiel). Claro que não posso esquecer que ele, a certa altura, confessa "que a beleza é a única inteligência que encontra nas mulheres", mas temos de perceber que se trata de um aristocrata na noite de fim de ano e de fim de século XIX, e que o filme irá desmentir categoricamente esta "mentira de La Palice".

Luis César Amadori, o realizador, não se porta nada mal. O filme é escorreito, bem desenrolado, não tem muitos meios, mas inventa algumas soluções que funcionam bem. Italiano por nascimento (nasceu em Pescara em 1902), viria a falecer em Buenos Aires, na Argentina, em 1977. Tinha a dupla nacionalidade italiana e argentina, tendo vivido muito tempo na Argentina, passado longas temporadas em Espanha e regressado a Buenos Aires. Foi um pouco de tudo, realizador, argumentista, escritor, músico, letrista, pintor e produtor. Chegou a estudar medicina, mas seriam as artes o seu futuro. Passou por Hollywood, e pelos estúdios Walt Disney. Em 1955 emigrou da Argentina para Espanha, quando a chamada "Revolución Libertadora", a ditadura militar que derrubou Juan Perón, conquistou o poder. Em Espanha ganhou forte prestígio, entre as décadas de 50 e 60, com obras de fundo histórico e/ou musical, como foi o caso de "La Violetera". Trabalha no teatro, comédia, revista, ópera.

"La Violetera" é uma canção, um "cuplé", criado inicialmente por José Padilla, em 1914, com poema de Eduardo Montesinos, e popularizado pela então muito célebre cantora Raquel Meller. Depois seria igualmente interpretada pela grande Carmen Flores. Charles Chaplin, sem autorização dos autores, deu-lhe vida nova ao incluir o tema musical na sua obra-prima, "Luzes da Cidade" (1931). Mas foi definitivamente Sara Montiel, em 1958, quem imortalizou o "cuplé", quando o interpretou no filme de Amadori. Trinta anos depois, imagine-se!, regravou-o, ao lado de Montserrat Caballé, no seu álbum "Purisimo Sara".

Sara Montiel tem uma história de vida fabulosa. Chamava-se oficialmente María Antonia Alejandra Vicenta Elpidia Isidora Abad Fernández, nascera em Campo de Criptana, Ciudad Real, a 10 de Março de 1928, e viria a falecer em Madrid, a 8 de Abril de 2013. Foi considerada a mais bela mulher do cinema espanhol de sempre, e chegou a ultrapassar em vendas de discos nomes lendários, como os de Frank Sinatra e Elvis Presley. Tinha uma voz invulgar, uma forma de cantar inigualável, um corpo de uma sensualidade envolvente, um rosto belíssimo, grande inteligência e um profissionalismo a toda a prova. Dizem que era ela que escolhia vestuário e maquilhagem, que dirigia as luzes e os ângulos de filmagem, quem acompanhava a rodagem com atenção redobrada. Afirmam alguns que era insuportável nos estúdios, por causa de tudo isso, outros que era uma mulher de uma total competência. Começou no cinema na Cifesa, uma das maiores produtoras espanholas da época, onde rodou 14 títulos, entre os quais "Locura de Amor" (1948), o qual lhe abriu as portas ao exterior, primeiro o México, pouco depois Hollywood, onde foi a mais importante presença espanhola desses tempos. Interpretou filmes como "Vera Cruz", "Serenade" ou "Run of the Arrow" e um dos seus casamentos foi com o realizador norte-americano Anthony Mann. Tornou-se amiga e privou com os maiores de Hollywood, regressou a Espanha em 1957 para interpretar "El Ultimo Cuplé", de Juan de Orduña, que viria a ser um dos maiores êxitos comerciais do cinema espanhol de sempre. Segue-se "La Viloletera", e outros musicais melodramáticos, que a mantiveram numa carreira de indiscutível sucesso. Os filmes podiam, por vezes, não serem os melhores, mas Sara Montiel continuava a diva da canção hispânica. Nunca foi próxima do regime de Franco, que odiava, e depois da morte do ditador disse-se feliz "por poder viver numa Espanha democrática". Votava socialista, "mas nunca fora militante do PSOE", afirmou.

Em "La Viloletera", ao lado de Sarita Montiel e Raf Valone, surge um interessante elenco, onde sobressaem Ana Mariscal, Frank Villard, Tomás Blanco, Pastor Serrador, Tony Soler, Félix Fernández e ainda Laura Valenzuela. O colorido, berrante e sensual, foi fotografado por Antonio L. Ballesteros, e a banda sonora, repleta de canções que ficam no ouvido e se ouvem repetidas vezes, foi coordenada por Juán Quintero.

A RAPARIGA DAS VIOLETAS
Título original: La violetera
Realização: Luis César Amadori (Espanha, 1958);

Argumento: Jesús María de Arozamena, André Tabet, Manuel Villegas López; Produção: Benito Perojo, Miguel Tudela; Música: Juan Quintero; Fotografia (cor): Antonio L. Ballesteros; Montagem: Antonio Ramírez de Loaysa; Direcção artística: Enrique Alarcón; Decoração: Enrique Alarcón; Guarda-roupa: Joaquín Esparza; Maquilhagem: Dolores Clavel, Carmen Martín; Direcção de Produção: Manuel Castedo, Manuel Pérez; Assistentes de realização: José Puyol, José María Alarcón, Antonio Luna, Francisco Rodríguez Asensio; Som: Ramón Arnal; Companhias de produção: Producciones Benito Perojo, Trevi Cinematografica, Vic Film;

Intérpretes: Sara Montiel (Soledad Moreno), Raf Vallone (Fernando), Frank Villard (Henri Barnard), Tomás Blanco (Alfonso), Pastor Serrador (Carlos), Tony Soler (Lola), Félix Fernández, Robert Pizani, Charles Fawcett, Aurora García Alonso, Laura Valenzuela, Julia Delgado Caro, Julio Goróstegui, Ana de Leyva, Carmen Rodríguez, Vicente Soler, Blanca Suárez, Rufino Inglés, Nora Samsó, Teófilo Palou, Modesto Blanch, Emilio Alonso, Rosa Fúster, Ana Mariscal, etc. Duração: 108 minutos; Distribuição em Portugal: inexistente; Distribuição (DVD): Mercury Films (Espanha);
Classificação etária: M/ 12 anos.
Cópia original espanhol, sem legendas.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL SEGUNDA 22 DE JUNHO DE 2020

MASTERCLASS: FILMES QUE AMO (Nº 28) 21H00 (entrada livre**)**

Filme: DUELO AO SOL **| Título original:** ”Duel in the Sun”
Realização: King Vidor c/ a colaboração, não creditada, de Otto Brower, William Dieterle, Sidney Franklin, William Cameron Menzies, David O. Selznick, Josef von Sternberg (EUA, 1946
Duração: 129 minutos |M/12 anos